REFORMA PROTESTANTE

Há 500 anos, o mundo assistia a uma de suas principais transformações religiosas

DISPUTA PELA FÉ
- Expansão do Luteranismo e Calvinismo
- Contrarreforma católica

FORA DA ALEMANHA
Como a Reforma impactou outros países europeus

NOVAS IDEIAS
John Wycliffe, Jan Huss, Pedro Valdo e suas interpretações da Bíblia



MARTINHO LUTERO
A vida e obra do ex-monge que questionou as práticas do Catolicismo

alta astral

REVOLUÇÃO CRISTÃ?

Heresia ou resgate da essência católica? O que pretendiam os reformadores que contrariaram a Igreja

500 anos de ruptura

Em 31 de outubro de 1517, o monge agostiniano Martinho Lutero, segundo o que indicam fontes históricas, teria pregado suas 95 teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, na Alemanha. Contudo, alguns historiadores defendem a ideia de que ele havia apenas encaminhado suas teses ao arcebispo de Mainz. Seus escritos criticavam práticas abusivas de sacerdotes católicos, como a venda de indulgências em troca de um valor monetário.

Entretanto, engana-se quem pensa que Lutero foi o primeiro a criticar o comportamento da Igreja. Antes dele, Pedro Valdo, John Wycliffe e Jan Huss foram penalizados pela instituição religiosa por pregarem os textos bíblicos, aos quais poucas pessoas tinham acesso.

Porém, você deve estar se perguntando: como, de fato, a Reforma Protestante ocorreu? As pessoas simplesmente mudaram de crenças da noite para o dia? Buscando responder essas perguntas, apresentamos esta edição especial de **História em Foco**, mostrando as ideias de quem era contrário à Igreja e as lideranças que vieram após Lutero. Aproveitamos ainda para falar sobre o movimento fora da Alemanha e, posteriormente, a Contrarreforma católica.

Boa leitura!
A redação



CAPA
Produção Gráfica Ana Paula Maldonado
Imagens Wikimedia Commons e Shutterstock

ÍNDICE

3 Antes de tudo
O desenvolvimento da Igreja Católica e os primeiros opositores

8 Martinho Lutero
A vida e as ideias do monge que foi excomungado por contrariar a instituição religiosa

11 Posteriormente
Calvino, Henrique VIII e John Knox: como surgiram as diferentes vertentes?

14 Fora da Alemanha
Os pensamentos de Lutero não foram seguidos à risca em todos os países europeus

16 Contrarreforma
Quais eram as pretensões da Igreja Católica? E as medidas aplicadas?

19 Catarina von Bora
A história notável da ex-freira cujo casamento ajudou a consolidar os preceitos luteranos

Heresia ou retorno aos princípios?

O desenvolvimento da Igreja Católica até a Reforma Protestante e os primeiros teóricos que se opuseram a algumas práticas religiosas

Texto e pesquisa Érica Aguiar **Entrevista** Érika Alfaro
Design Ana Paula Maldonado



"Chegando ao território de Cesareia de Filipe, Jesus perguntou a seus discípulos: 'No dizer do povo, quem é o Filho do Homem?' Responderam: 'Uns dizem que é João Batista; outros, Elias; outros, Jeremias ou um dos profetas'. Disse-lhes Jesus: 'E vós quem dizeis que eu sou?'. Simão Pedro respondeu: 'Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo!'. Jesus então lhe disse: 'Feliz és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que te revelou isto, mas meu Pai que está nos céus. E eu te declaro: tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus'". E assim, segundo o Evangelho de Mateus, fez Pedro – apesar de ter negado conhecer Cristo três vezes e, posteriormente, no episódio da ressurreição, ser perdoado.

Imagem: Shutterstock Images

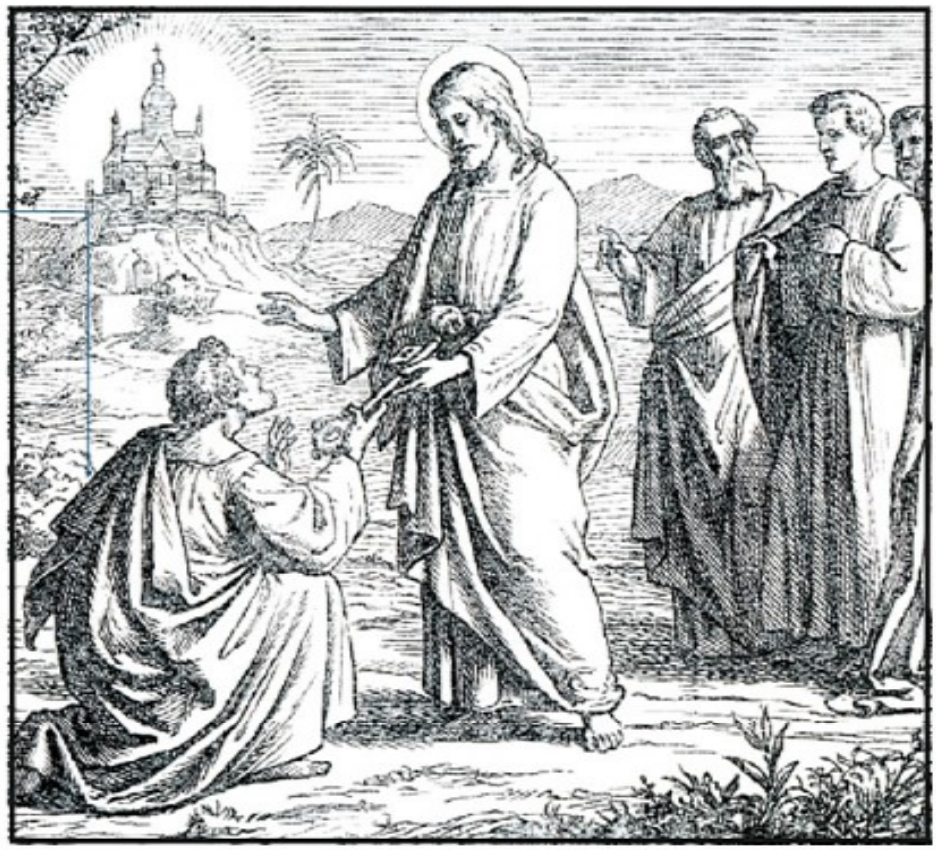


Imagem: Shutterstock Images

Uma religião crescente

De acordo com a história bíblica, Pedro foi um dos pilares do Cristianismo e pregou na região de Jerusalém e Antioquia (atual Turquia). Por meio dos apóstolos e dos primeiros cristãos, a religião se espalhou pelo Oriente Médio e se expandiu durante toda a Idade Média.

É de conhecimento histórico que, por não aceitarem o imperador romano como um ser divino e acreditarem apenas em Jesus, alguns cristãos foram perseguidos em pequenos períodos da história. Apesar da ameaça, muitos se converteram buscando a vida eterna prometida. Assim, aos poucos, a Igreja organizou seu clero, formou sua hierarquia de bispos e começou a influenciar províncias, principalmente as localizadas em áreas rurais, pois algumas funções dos sacerdotes eram cuidar de doentes e pobres.

Constantino foi o imperador romano responsável por legitimar o Cristianismo, mas sem torná-lo a religião oficial, apesar de ter financiado a instituição financeiramente, construído basílicas, concedido privilégios para o clero e isentar a Igreja de impostos. Já seu filho – Juliano, o Apóstata –, reabriu os templos pagãos, mas, depois da disputa entre fiéis, fez com que as práticas se tornassem semelhantes às tradições cristãs, promovendo condutas como a caridade e adotando uma estrutura hierárquica.

Entre 692 e 1303, a Igreja se expandiu entre os germânicos e eslavos, influenciando eventos sociais, culturais e políticos, mas diversos eventos marcaram seu desenvolvimento e rompimentos.

"O surgimento da Igreja Ortodoxa Oriental, a partir do cisma ocorrido em 1054, se deu por questões como o uso de imagens, que não eram aceitas pelos orientais, a questão das duas naturezas de Cristo e como se relacionam, o celibato dos sacerdotes, que não é requerido como obrigatório pelos orientais. No entanto, as disputas entre as duas grandes cidades do Império Romano, Roma e Constantinopla, foi fundamental para que ocorresse a divisão. A separação dos protestantes no século XVI também tem questões teológicas, como a centralidade da Bíblia em detrimento do magistério clerical e da tradição, a salvação apenas pela graça de Deus sem o concurso humano com boas obras, a não aceitação do poder do Papa sobre toda a cristandade. Porém, há de se lembrar que nessa época se firmavam os chamados 'Estados Nacionais', que enfatizavam o poder centralizado sobre uma nação, se afastando das divisões feudais e de senhores locais. Esse Estado, maior e mais poderoso, política e economicamente, tinha também poder para enfrentar o Papado e lutar contra as remessas de verbas para o Vaticano. Além do mais, havia a disputa entre esses estados e o Sacro Império, reminiscência do antigo Império Romano, que era um baluarte na defesa de Roma", explica Silas Luiz de Souza, historiador e especialista em ciências da religião.

Tempos medievais

Já na Idade Média, os senhores feudais tinham influência sobre bispados. Ainda foi nessa época em que surgiram as primeiras universidades e ordens religiosas, como é o caso de São Francisco de Assis, São Domingos de Gusmão e outras.

Após esse período, com a expansão do Islamismo, vieram as Cruzadas e a tentativa de conquista das terras sagradas. Aos soldados e homens comuns, o Papa prometia graças especiais, o perdão dos pecados e a vida eterna. Porém, quem conquistasse o território também poderia usufruir das riquezas obtidas. Era a busca pela propriedade, pela expansão do comércio e pelo perdão divino.

Entre 1095 e 1291, oito cruzadas oficiais foram organizadas por países europeus. Entretanto, novas vertentes religiosas ganharam força e cientistas/teóricos começaram a questionar os dizeres bíblicos, as pregações religiosas e os interesses morais e econômicos da Igreja. Diferente do que havia ocorrido séculos antes, eram os católicos que perseguiam quem divergia de suas ideias.

Cruzada Albigense

O episódio que dá nome a esse subtítulo é visto como um dos mais repressores de que se tem registro histórico. Esta cruzada ocorreu na França no século XII, com o objetivo de perseguir o movimento cristão do catarismo e também os valdenses, grupo liderado pelo rico comerciante Pedro Valdo, que havia desfeito de boa parte de seus bens, pregado o desapego material pelo território francês e atraído muitos desfavorecidos economicamente devido ao seu discurso.

Os dizeres de Valdo – que, posteriormente, influenciaram Martinho Lutero – começaram a incomodar a Igreja a partir do momento em que começou a questionar o poder dos clérigos, que, à época, julgavam quem deveria ser subordinado a Deus ou não, quem merecia a salvação divina. Por isso, as confissões passaram a ser praticadas pelos próprios valdenses, pois acreditavam que os padres agiam mais preocupados com a riqueza material.

Assim, o Papa Inocêncio III organizou uma cruzada contra os albigenses, os "hereges" da região de Albi, na França. E adivinhe só: quem lutasse conquistaria o perdão dos pecados e um lugar no Paraíso. Dessa maneira, senhores feudais, nobres e camponeses se organizaram para um massacre sangrento, que deixou milhares de mortos.

Mas se engana quem imagina que Pedro Valdo era o único a questionar o poder da Igreja Católica ou seus ideais. O Catarismo, por exemplo, concebia a ideia de dois deuses: um bom e outro mau, indo contra a Igreja monoteísta. Valdo, por sua vez, havia se convertido após ouvir sobre a vida de Santo Aleixo e notado que deveria vender tudo o que tinha, doar aos pobres e, assim, encontrar um espaço no céu. "Impressionado pela vida do santo e pelas palavras do mestre em teologia, a primeira reação de Valdo teria sido dispor-se dos bens, vendendo o que adquirira com usura e passar a viver de esmolas", escreve Laura Maria Silva Thomé na monografia *As Heresias e Seus Reflexos Sociais: Pedro Valdo e Os Valdenses (1160-1250)*.

Por isso, um de seus atos mais notáveis foi procurar um tradutor que fizesse uma versão dos evangelhos em linguagem provençal. Estudando essas obras, desenvolveu a vontade de levar a vida como pregador e na pobreza. Isso atraiu uma pequena comunidade, que compartilhava tudo o que possuíam e saíam, de dois em dois, para pregar a palavra divina segundo sua interpretação.

Já em 1179, Pedro se apresentou no III Concílio de Latrão para a assembleia e o Papa Alexandre III. O evento havia sido convocado, segundo Thomé, para "acabar com os restos do cisma, combater as heresias albigense e valdense, e restabelecer a disciplina eclesiástica que muito sofrera com o longo cisma". Os valdenses propunham que a Igreja retomasse a sua simplicidade e ao culto sem luxo. Porém, não conquistaram a autorização Papal para pregar e, descumprindo o tratado, voltaram a evangelizar, provocando reações violentas na Itália, Alemanha e países vizinhos.

"A Cruzada contra os albigenses dividiu a nobreza, pois tendo sido convocada após o assassinato de Pedro de Castelnau, legado Papal, em 1208, do qual teria sido mandante o conde de Toulouse, Raimundo IV, que apoiava os hereges, não teve aceita a convocação pelo Rei da França, nem por seus pares, ficando sua execução a cargo dos pequenos senhores. Esses agem com grande violência, matando velhos, mulheres e crianças, o que provoca a reação do povo do Languedoc. Essas coisas se estendem até a intervenção de Luis VIII da França em 1226, cessando completamente somente com o tratado de Paris em 1229", relata a autora.



Papa Inocêncio III excomungando os albigenses (esquerda). O massacre dos albigenses pelos cruzados (direita)

Imagem: Wikimedia Commons

Semelhanças

As ordens mendicantes, como dos frades menores, franciscanos e dominicanos, tinham muitas semelhanças com a pregação dos valdenses. "A própria vida de Francisco de Assis assemelha-se a de Valdo, sua relutância em aceitar a imposição de uma regra tão bem. No entanto, sua relutância em abandonar a ortodoxia é ainda maior e, para ser aceito juntamente com os que o seguem, acata as recomendações da Cúria e cria as regras da ordem", explica Laura Maria Silva Thomé na monografia *As Heresias e Seus Reflexos Sociais: Pedro Valdo e Os Valdenses (1160-1250)*.

Os dominicanos, por sua vez, tinham permissão para exercer a pregação livremente em templos e catedrais, falando sobre os princípios de uma vida simples e dedicada a Deus, mas sem serem reprimidos. "Então, nos parece possível afirmar que a fronteira entre a heresia valdense e posições da Igreja como a criação das ordens mendicantes é bastante tênue, ficando evidente que se localiza nas questões da obediência à hierarquia eclesiástica e ao clero de maneira geral e não na fundamentação escriturística que norteia ambos, Igreja e hereges", afirma.



Imagem: Shutterstock Images

Contrários

Além de Pedro Valdo, outro nome reformador de destaque foi o inglês John Wycliffe. Ele estudou teologia, filosofia e legislação canônica na Universidade de Oxford, e também era conhecido por ser um defensor dos interesses nacionais contra as imposições do Papa, além, claro, de apontar diferenças entre as normas da Igreja e os ensinamentos originais de Cristo.

Para ele, o Estado deveria possuir todas as propriedades do clero e ser o responsável pelo seu sustento financeiro, tornando o rei superior ao Papa. Wycliffe ainda criticava a venda de indulgências e a vida luxuosa levada por padres e bispos.

Como era de se esperar, suas ideias se espalharam pelas igrejas londrinas e fizeram sucesso entre os nobres. E, assim como com os valdenses, foi censurado em 1377, quando foi intimado a se apresentar ao bispo de Londres, episódio em que foi acusado de blasfêmia e heresia. Inclusive uma bula havia sido expedida pelo Papa Gregório XI contra o teólogo, porém, por ter apoio na corte e no parlamento, sequer teve efeito.

A maior consequência dos escritos de Wycliffe foi seu livro *De officio regis*, que influenciou a reforma da Igreja, na Inglaterra, sob o governo de Henrique VIII, tornando a instituição religiosa subordinada ao Estado. Mesmo assim, posteriormente, foi declarado herético em meados de 1415 e teve seus escritos queimados. Porém, seu legado também impactou o tcheco Jan Huss, que fazia forte oposição à venda de indulgências, à acumulação de riqueza da Igreja e à restrição da comunhão somente aos membros eclesiásticos.

Apesar de vir de uma família humilde da Boêmia, onde hoje fica a República Tcheca, formou-se professor de teologia em 1398 na Universidade de Praga, tornando-se padre em 1400. Ele era um estudioso das doutrinas de Wycliffe e pregava a ideia de uma Igreja pobre, bem como da Bíblia como o caminho de orientação a ser seguido.

Suas ideias sensibilizaram os nobres tchecos, pois grande parte das terras pertenciam aos alemães, assim, as pregações eram uma forma de enfrentar os germânicos. Devido a esse posicionamento, foi eleito como reitor da Universidade de Praga em 1409. Tão logo, a Igreja Católica passou a criticá-lo e banir as cerimônias religiosas na cidade enquanto Jan estivesse ali.

Em 1414, foi convocado para o Concílio de Constança, que tinha como objetivo julgar casos de heresia, cujo crime Huss foi acusado. Apesar de possuir um salvo-conduto do rei Segismundo de Luxemburgo para que pudesse defender seus ideais, foi preso por cerca de 70 dias até o seu julgamento. Na ocasião, propuseram que renegasse suas ideias, mas ele resistiu. Assim, no dia 6 de julho de 1415, foi condenado à morte na fogueira.

Apesar da reação violenta da Igreja Católica contra esses reformadores, eles foram capazes de influenciar Martinho Lutero anos depois, cujo grande legado foi dar início à Reforma Protestante.

Consultoria

Silas Luiz de Souza, historiador e especialista em ciências da religião.

Fontes

Monografia *As Heresias e Seus Reflexos Sociais: Pedro Valdo e Os Valdenses (1160-1250)*, da historiadora Laura Maria Silva Thomé.

Bíblia, Mateus (16:13-19).



John Wycliffe lendo sua tradução da Bíblia

Imagem: Wikimedia Commons

Popular

John Wycliffe defendia a ideia de que a Bíblia deveria ser um item pertencente a todos os cristãos e disponível na língua nativa dos povos. Assim, iniciou uma tradução do livro sagrado para o inglês, traduzindo o Novo Testamento, enquanto seu amigo, Nicholas de Hereford, se dedicou ao Antigo. Em 1388, a população teve acesso à Bíblia neste idioma. Mesmo assim, os mais pobres continuaram afastados das Escrituras devido aos altos custos para produção e pela maioria ainda ser analfabeta.



O PRINCIPAL PREGADOR DA Reforma

A trajetória do monge que bateu de frente com práticas da Igreja Católica, acabou excomungado, mas se tornou o grande nome do movimento que acabou com o domínio do Papa em boa parte da Europa

Texto e entrevista Fabio Toledo/Colaborador
Design Lídia Pardini/Colaboradora

Em meados do século XV, a Europa passava por um período de transição entre o fim da Idade Média e o início do Renascimento. Entre os grandes símbolos dessa mudança, o mais significativo era a máquina de imprensa. Desenvolvida por Johannes Gutenberg no território germânico, o aparelho foi responsável por difundir as principais obras existentes naquele tempo na Europa Ocidental. Ainda que a Idade Média tenha sido encerrada no período, foi a Bíblia o livro mais impresso, denotando a manutenção da fé cristã. Porém, da mesma forma que a imprensa de Gutenberg valorizou a grande obra propagada pela Igreja Católica, ela também deu força para movimentos contrários ao status quo da religião dominante no continente.

O principal momento dessa difusão de novas ideias religiosas teve início em Wittenberg, a quase 100 km de Berlim,

Imagem: WikiMedia Commons

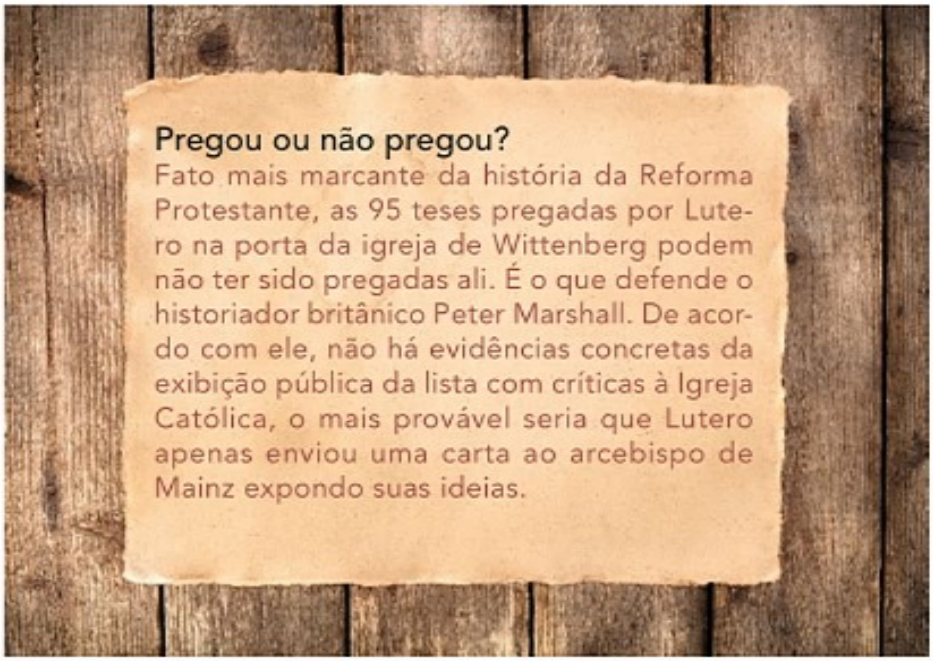
uma cidade com população próxima de três mil habitantes, às margens do Rio Elba. Foi lá, em 1517, que um monge agostiniano, professor de teologia bíblica e um dos responsáveis por uma tradução da Sagrada Escritura mais próxima da linguagem alemã popular, desenvolveu 95 teses que marcariam para sempre a chamada Reforma Protestante. No entanto, o proposto por Martinho Lutero foi muito além do que ele poderia imaginar.

Monge estudioso e dedicado

Lutero nasceu em 10 de novembro de 1483, na cidade de Eisleben. Quando tinha um ano de idade, ele e sua família se mudaram para a vizinha, Mansfeld. Criado sob os dogmas do Catolicismo, aprendeu latim na infância e obteve o título de mestre em artes pela Universidade de Erfurt. Após iniciar os estudos em Direito, decidiu se tornar monge, entrando para o Mosteiro Agostiniano de Erfurt. Ordenado em 1507, passou a ensinar filosofia moral na Universidade de Wittenberg. Por lá, recebeu o título pelo doutorado em teologia e, a partir de 1513, deu aulas de Teologia Bíblica. Nesse período, também fez parte de um grupo responsável pela elaboração de uma tradução da Bíblia para o alemão que buscava facilitar o acesso à Escritura para mais pessoas, com uma linguagem misturando o sacro e o popular.

Ainda que fosse um monge exemplar, grande especialista da Bíbila e figura importante da religião em sua área, Lutero vivia um tormento dentro de si. Nos estudos da Sagrada Escritura, em especial da Epístola de Paulo aos Romanos, desenvolveu a ideia de que os cristãos só seriam salvos de seus pecados por meio da fé. Uma premissa comum ao Catolicismo puro, original. Porém, não era isso que a Igreja Católica apontava no momento. No anseio de financiar a construção do suntuoso projeto da Basílica de São Pedro, o Papa Leão X oferecia indulgências em troca de dinheiro.

Na Saxônia, o principal encarregado por "comercializar" o perdão dos pecados foi o frade dominicano Johann Tetzel. Sob a batuta de Tetzel, ocorreu aquilo que o historiador italiano Massimo Firpo comentou em artigo como "uma repugnante negociata simoníaca, em suma, por sua vez fruto de uma complicada operação financeira entre a Cúria Romana e o arcebispo de Mainz, Alberto de Brandemburgo". Foi o arcebispo, inclusive, quem recebeu de Lutero uma carta advertindo-o sobre a prática e seus perigos. Além disso, defendeu a Bíblia como a única fonte de verdade revelada por Deus, colocando em xeque o poder papal, e questionou a divisão entre clérigos e leigos, ao considerar que todos os cristãos batizados seriam sacerdotes e santos. Até que, em 31 de outubro de 1517, o monge teria pregado suas 95 teses na porta da igreja do Castelo de Wittenberg, marcando o início da Reforma Protestante.



Pregou ou não pregou?

Fato mais marcante da história da Reforma Protestante, as 95 teses pregadas por Lutero na porta da igreja de Wittenberg podem não ter sido pregadas ali. É o que defende o historiador britânico Peter Marshall. De acordo com ele, não há evidências concretas da exibição pública da lista com críticas à Igreja Católica, o mais provável seria que Lutero apenas enviou uma carta ao arcebispo de Mainz expondo suas ideias.

Imagem: Shutterstock Images

Rompimento e propagação

Quando apresentou suas ideias para mudar a Igreja Católica, não havia a intenção clara de Lutero em romper com a religião. Contudo, era tão divergente seu pensamento do que vinha sendo a prática do clero que o monge entrou em conflito com a alta cúpula sacerdotal. Por meio do Exsurge Domine – latim para "Levanta-te ó Senhor" –, bula emitida pelo Papa Leão X que reconhecia 54 das teses luteranas como válidas, mas pelas outras 41 restantes exigiu a retratação do monge em um prazo de 60 a 70 dias. Caso não realizasse, seria expulso da Igreja Católica. Ao se negar a mudar o discurso – e indo além, escrevendo os grandes tratados da Reforma: *A liberdade do Cristão, O Cativeiro Babilônico da Igreja de Roma e À Nobreza Cristã da Nação Alemã* –, Lutero foi excomungado.

Apesar de a Igreja Católica permanecer como doutrina dominante na Europa, ela encontrava em territórios que possuíam maiores conflitos internos e fragmentação – a exemplo do germânico – um espaço para novas ideias. Ao encontrarem no Protestantismo uma forma de abolir o clero da ordem política e social, alguns membros da realeza europeia passaram a acompanhar de perto o movimento reformista, até mesmo se apoderando dessa mensagem religiosa de libertação. Com a ajuda da imprensa desenvolvida por Gutenberg, Lutero propagou sua doutrina de separação do Catolicismo.

Em 1921, uma assembleia realizada na cidade de Worms buscou novamente a retratação do ex-monge, que voltou a recusar, afirmando que apenas iria se retratar se provassem a ele seus erros por meio dos dizeres da Bíblia. Dessa forma, foi banido do Sacro Império Romano-Germânico. Exilado no Castelo de Wartburgo, sob proteção do príncipe Frederico III, fez sua mais célebre tradução da Bíblia para o alemão. En-



Imagem: WikiMedia Commons

quanto isso, conventos e monastérios da região passaram por certo esvaziamento, muitos daqueles que deixaram a vida sacerdotal Católica se tornaram seguidores de Lutero.

Regresso e fim

Por mais que a ideia de libertação da Igreja Católica tenha se espalhado pelo norte da Europa, Lutero notou concepções mais radicais começando a sobressair. Ele então decidiu retornar a Wittenberg e começar a pregar suas ideias, por meio dos Sermões de Invocavit. Também organizou um formato de confissão baseado na missa e comunhão. Enquanto desenvolvia os aspectos de sua igreja, participou de fugas de freiras e padres, sendo a mais marcante a do Convento de Nimbschen, em 1523, onde conheceu Catarina von Bora, com a qual casou dois anos depois.

O matrimônio de Martinho com Catarina representou o mais profundo aspecto do rompimento com o Catolicismo, permitindo que outros padres e freiras adeptos da Reforma Protestante se casassem. Da união com von Bora, vieram seis filhos: Johannes, Elisabeth, Magdalena, Martin, Paul e Margaretha. Foi cercado por eles, por seus discípulos e adoradores, que Lutero morreu, em 18 de fevereiro de 1546, sendo sepultado na emblemática igreja do Castelo de Wittenberg.

Polêmicas

Além das diferenças com a Igreja Católica, Lutero se envolveu em outros assuntos polêmicos. Um que sempre esteve entre as preocupações do ex-monge foi relacionado aos judeus. Tendo dois trabalhos de maior destaque sobre tal religião – *Sobre os judeus e suas mentiras* e *Do Inefável Nome e da Santa linhagem de Cristo* – Martinho apresentou um discurso antissemita, chamando-os de "povo do diabo", aconselhando o incêndio de sinagogas e a destruição dos livros judaicos. Antes mesmo de Hitler, quatro séculos antes, o povo judeu foi perseguido no território da Saxônia.

Outra questão polêmica na qual Lutero tomou lado questionável foi durante a Guerra dos Camponeses, uma revolta organizada por um de seus seguidores, Thomaz Münzer, contra a nobreza imperial e sem diferenças entre ricos e pobres. Martinho foi contra o movimento, defendendo a existência da relação entre senhor e servo como vontade divina. Por outro lado, apresentou em alguns textos destinados aos nobres que era preciso diminuir a opressão ao povo. Mesmo assim, Münzer e Lutero romperam relações.

Livros

The Roots of Anti-Semitism in the Age of Renaissance and Reformation, de Heiko A. Oberman. Fortress Press, 1984; *História*, de Gislane Campos Azevedo e Reinaldo Seriacopi. Editora Ática, 2007.

EVOLUÇÃO DA Reforma

No decorrer dos séculos XVI e XVII, o Protestantismo encontrou mais bases além da luterana. Entre Calvino, Henrique VIII e John Knox, outros nomes apareceram e marcaram a história das religiões reformadas

Texto e pesquisa Fabio Toledo/Colaborador
Design Lídia Pardini/Colaboradora

O surgimento do Luteranismo por meio dos seguidores de Martinho Lutero foi o marco zero para outras igrejas reformadas aparecerem. No entanto, dentro da doutrina elaborada pelo ex-monge alemão, não houve ramificações durante o período da Reforma. Por outro lado, uma corrente franco-suíça foi mais difundida e responsável por outras denominações religiosas.

Mesmo durante o período em que Lutero travava sua briga com os altos sacerdotes católicos, religiosos de mais localidades na Europa também desafiavam a doutrina da religião do Papa. O mais conhecido daquele período era Ulrico Zuínglio, na Suíça. De bastante contato com Erasmo de Roterdã, as pregações de Zuínglio criticavam a venda de indulgências, o celibato eclesiástico, a autoridade do Papa – tanto em termos dogmáticos como disciplinares – e a devoção a santos e imagens.

As ideias do vigário foram difundidas entre os habitantes e o governo de Zurique, que até mesmo anulou uma proibição do bispo de Constança para as pregações de Zuínglio. Igrejas da Suíça passaram a não contar com imagens de santos ou da Virgem Maria e os cantões (estados soberanos que compõem o território suíço) das regiões urbanas do país votaram pela adesão à Reforma Protestante. Porém, a doutrina não alcançou a camada rural da sociedade, que se juntou aos austríacos em um ataque tendo Zurique como alvo. Em 1531, no confronto conhecido como Batalha de Kappel, Zuínglio foi assassinado.

Imagem: Shutterstock

Calvino

Após a derrota e o fim da vida do precursor do Protestantismo na Suíça, alguns cantões se mantiveram fiéis à doutrina de Zuínglio, como Berna, Zurique e Basileia. Já na região de Genebra, em 1536, chegava um doutor em direito que acabou perseguido na França por ser a voz do movimento protestante – ou huguenote – por lá. João Calvino redigiu a obra *Instituições da Religião Cristã* no mesmo ano, apresentando as bases para o que ficou conhecido como Calvinismo.

Com o auxílio de Guilherme Farel, um pregador protestante fervoroso que persuadiu Calvino a ficar em Genebra – e mesmo a retomar, após ter sido banido por tentar expulsar suíços que não fossem favoráveis à sua doutrina –, o francês levou o cantão genebrino a ser o principal centro protestante da Europa. Muito disso por conta da rigidez na implementação de suas ideias, difundidas em um governo teocrático. Entre as várias reformas realizadas por Calvino estavam a abolição da música instrumental nas missas, a retirada de vitrais e imagens das igrejas e até mesmo o fim das comemorações da Páscoa e do Natal.

Entre os princípios calvinistas, está o de que Deus é soberano e os escolhidos para a salvação já são predestinados a isso. O trabalho também é valorizado, sendo assim um gatilho para a aproximação dessa doutrina com o princípio capitalista, que ganhava espaço na Alemanha, Inglaterra, França e outros países do norte da Europa. Foi assim que os ideais de Calvino se difundiram pelo continente, contando com a ajuda de outros líderes religiosos.


João Calvino

Países Baixos

Orientada pelo Calvinismo, a Igreja Reformadora Holandesa surgiu em 1570, embora o cenário na região já fosse favorável a reformadores desde o século XIV, com a Casa de Habsburgo no poder. Assim, as ideias de Zuínglio também foram implantadas ao sul do território, entre a população de língua francesa, antes da doutrina calvinista se tornar base religiosa para Guilherme de Orange declarar a independência da Holanda, em 1581, enquanto Bélgica e Luxemburgo permaneceram católicas.

Outro reformador de forte influência no Protestantismo dos Países Baixos foi o polonês João Laski (ou Jan Laski, no idioma original), sacerdote reformador que organizou igrejas protestantes na Inglaterra, na região da Frísia (norte da Holanda) e criou a Igreja Calvinista na Polônia. Ele também foi influenciado por Zuínglio e Erasmo de Roterdã, sendo um importante nome na segunda geração da Reforma.

Escócia

As ideias de Calvino atravessaram o Mar do Norte e penetraram na Ilha da Grã-Bretanha. Mais ao norte, em território escocês, os barões e a classe média urbana se juntaram ao reformador calvinista John Knox para derrubar os líderes da Igreja Católica, desafiando a coroa (Escócia e Inglaterra ainda eram reinos separados). Além de seguidor das ideias do teólogo francês, com o qual teve contato em sua estadia em Genebra, Knox foi discípulo de George Wishart, introdutor da doutrina zuingliana em território escocês, que foi morto queimado em 1546.

Orientado por Knox, em 1560, o Parlamento da Escócia adotou princípios do Presbiterianismo e derrubaram o Catolicismo. Além disso, estruturaram a Igreja da Escócia, também conhecida como Kirk. Baseado na Confissão de Fé, de inspiração calvinista, no *Livro da Disciplina* e no *Livro da Oração Comum*, e organizado em presbitério, com sistema representativo similar ao desenvolvido em Genebra, o país se tornou o segundo maior reduto protestante da Europa. No entanto, a figura do rei, contrária a tal religião, seguiu como

Oposição

A primeira ideia contrária ao Calvinismo dentro da Reforma Protestante na Holanda foi organizada pelo teólogo Jacó Arminio, no início do século XVII. Pelo Arminianismo, o homem seria capaz de procurar a salvação divina, sendo que Deus não era o autor do pecado nem o homem autômato, enquanto Calvino defendia que o homem era tão corrompido que somente a graça divina predestinava os escolhidos à salvação. Apesar da morte de Arminio em 1609, seus seguidores buscaram realizar as reformas dentro da doutrina calvinista, mas foram perseguidos até 1625. Anos depois, exerceu influência sobre uma ala da Igreja Anglicana e também sobre o movimento metodista no século XVIII.

Imagem: Wikimedia Commons

um antagonista ao movimento. Durante o período, o Rei Jaime VI uniu as coroas da Inglaterra e Escócia, assim aproximando o Anglicanismo como religião oficial. Em 1638, seu sucessor, Carlos I, obrigou os escoceses a seguirem os rituais anglicanos dentro da Kirk, mas encontrou forte oposição. Houve perseguição religiosa – tendo muitos presbiterianos emigrado para as colônias da América do Norte.

Inglaterra

Assim como os escoceses, os seguidores de Calvino em território inglês foram perseguidos. Muito disso foi causado pelo surgimento de outra igreja: a Anglicana. Devido à aproximação do rei com a burguesia, um forte movimento de separação da Igreja Católica cresceu no início do século XVI. Apesar da ajuda inicial de Henrique VIII em frear o desenvolvimento protestante, seu desejo de ter um sucessor homem o fez procurar mais de um casamento, gerando uma rixa entre ele e o Papa Clemente VII, pois tal ideia iria contra os princípios da igreja romana. Tendo controle sobre o Parlamento, forçou uma reforma religiosa, criando o Anglicanismo, onde o rei seria a figura máxima da hierarquia.

Para o desenvolvimento do pensamento teológico da Igreja da Inglaterra, Eduardo VI, filho de Henrique VIII, foi persuadido pelo regente, Duque de Somerset, a separar ainda mais a religião inglesa da romana, pois, na prática, havia pouca diferença. Destacaram-se assim Richard Hooker, Matthew Parker e Thomas Cranmer. Vários teólogos auxiliaram a elaboração de um credo, entre os quais o próprio John Knox. Ainda que o Anglicanismo tivesse enfim progredido em uma maior elaboração, um grupo interno ainda o considerava próximo demais da doutrina católica. Eram os puritanos, que seguiam a interpretação de William Ames e William Perkins dos escritos de João Calvino.

Mesmo entre os puritanos, ocorreram divisões. Enquanto seguidores de Thomas Cartwright, professor de teologia na Universidade de Cambrigde, buscavam uma aproximação ao Presbiterianismo, a ala que adotou as ideias de Henry Jacob desenvolveu o Congregacionalismo Puritano. Já um grupo que defendia a separação entre Igreja e Estado, liderado por Robert Browne, eram os congregacionais separatistas, sem relações com a igreja oficial.


Henrique VIII

Imagem: WikiMedia Commons

Reformadores radicais

Durante o período da reforma de Lutero, Zuínglio e Calvino, grupos buscaram uma mudança mais radical nos dogmas religiosos. Foram todos generalizados como anabatistas, mas a vertente oficial intitulada assim teve como líderes Georg Blaurock, Conrad Grebel e Felix Manz. Os anabatistas pregavam o fim de uma hierarquia e de uma teologia sistematizada, aplicada no dia a dia, baseando-se no Novo Testamento da Bíblia, além de defender a incompatibilidade entre Cristianismo e violência. O grupo, assim como os outros chamados genericamente de anabatistas, sofreu perseguições – tanto de católicos como de protestantes –, mas ainda influenciou denominações religiosas, tais como os quackers e os batistas, que reuniram dissidentes ingleses refugiados na Holanda, liderados por John Smyth e Thomas Helwys.

Neste cenário de desenvolvimento do Puritanismo, o Anglicanismo perdeu sua força após a chegada de Oliver Cromwell ao poder depois de uma guerra civil. No protetorado do congregacionalista, os presbiterianos também foram expulsos do Parlamento. Após a morte do ditador, foi retomado o regime monárquico e o sistema episcopal também retornou. Da mesma forma, veio uma perseguição religiosa que motivou a ida dos puritanos para a América.

Fontes

Site: operamundi.uol.com.br

Livros: *O Cristianismo através dos séculos – uma história da igreja cristã*, de Earle E. Cairns. Vida Nova, 1995; *John Knox – o Patriarca do Presbiterianismo*, de Waldyr Carvalho Luz. Cultura Cristã, 2001

POR TODOS OS cantos

O Protestantismo não ficou confinado às regiões germânicas, se espalhando por toda a Europa e sofrendo repressão da Igreja Católica aonde chegava

Texto e pesquisa Rafael Guimarães/Colaborador **Design** Rafael Nakaoka



As ações de Lutero na Alemanha derrubaram o primeiro dominó de uma longa fileira, colocando em ação uma sequência de eventos que culminaria em mudanças no estilo de vida de toda a Europa. Com as engrenagens políticas azeitadas, a Reforma Protestante se tornou um motor de impulsão para guerras e conflitos, mas também trouxe liberdades.

Nem todas as regiões da Europa receberam bem as propostas luteranas. Em países como a Itália e a Espanha, onde a Igreja Católica mais investia dinheiro do que retirava, a Reforma foi encarada como subversiva. Já em lugares abandonados pelos dirigentes católicos como a Hungria, a perspectiva de uma fé mais próxima e pessoal se mostrou muito mais conveniente.

Itália

A península Itálica, ainda que não fosse à época uma região unificada, era praticamente o quintal da Igreja Católica. Com Roma situada bem no meio do território, as primeiras notícias sobre a Reforma foram encaradas como uma moda temporária. "Outros já haviam protestado contra práticas da Igreja sem grandes resultados", explica Guilherme Martins, professor de história.

A Itália recebia fortes investimentos financeiros da Igreja, que na época começava a florescer na Renascença com artistas como Leonardo da Vinci e Boticelli. Os feitos artísticos da época só poderiam ter acontecido pelo poder econômico da região , resultado do comércio com o oriente e do recebimento dos impostos papais.

"Não era preciso convencer a população do que hoje chamamos de Itália das vantagens de permanecer no Catolicismo", explica Guilherme.

Inglaterra

Os ingleses criaram a própria igreja por conveniência e pela necessidade política."A influência espanhola sobre a Igreja era grande", conta Guilherme. Com o rei Henrique VIII se separando de sua primeira esposa, a espanhola Catarina de Aragão, e com o posterior afastamento diplomático e crescente tensão entre as duas nações, era essencial que a Inglaterra assumisse uma outra religião estatal.

Sem a possibilidade de se livrar de Catarina, Henrique VIII viu uma alternativa no exemplo dado por Lutero de rompimento com a Igreja. Ele assinou então o Ato de Supremacia em 1534, declarando-se o chefe da Igreja na Inglaterra, dando-lhe o poder de se divorciar, além de ter o poder de ficar com os impostos que antes seriam enviados para Roma.

Espanha e Portugal

Os reinos espanhóis passaram por um longo processo, chamado Reconquista, em que lutaram contra os mouros pelo controle da península Ibérica. Portugal surgiu também como um reino reconquistado, mas conseguiu trazer de volta suas terras para o catolicismo antes das regiões que depois se tornariam a Espanha, como Castela e Aragão.

O processo se encerrou em definitivo apenas em 1492, e resultou na formação da Inquisição Espanhola, que tinha por função converter ao Catolicismo os judeus e os mouros que haviam ficado na região. "A estabilidade religiosa era uma questão de solidez política na Espanha. A violência era apenas uma das ferramentas para esse fim", explica Guilherme. Ainda que proibidas oficialmente, as igrejas protestantes conseguiram florescer inicialmente de forma clandestina. Foi sob Felipe II, rei da Espanha na segunda metade do século XVI e católico devoto, que o cerco se apertou na forma dos julgamentos da Inquisição e da promulgação de ordens para perseguição por parte do rei.

De fato, a Inquisição Espanhola e o princípio da Contrarreforma dentro da Igreja Católica foram o suficiente para que a península Ibérica, que abarca além da Espanha também Portugal, não fosse acometida pela "febre protestante" da época.

França

A proximidade da França com os ducados e condados germânicos era mais que o suficiente para que o Protestantismo tivesse campo aberto para se espalhar, mas a Reforma Protestante contou ainda com uma outra vantagem na nação: a presença de uma burguesia descontente com as regras do Catolicismo.

Os protestantes europeus foram perseguidos ao longo do século XVI, o que acabou por forçar Calvino, seu principal expoente a fugir para a Suíça. A doutrina dos Huguenotes, influenciados pelos escritos calvinistas tanto religiosa quanto politicamente, viria a se popularizar na França apesar da perseguição e resistir à Inquisição no país.

Hungria

O país, constantemente assolado por invasões de povos não-cristãos, vivia em constante estado de tensão. "A população húngara do começo o século XVI se enxergava como abandonada pela Igreja Católica", conta Guilherme, "então procurou conforto espiritual na fonte que respondia com maior frequência: o Luteranismo".

A Hungria passou a maior parte daquele século com uma maioria populacional de protestantes, mas os efeitos da Contrarreforma e a influência ativa dos nobres Habsburgos que governavam o país conseguiu reverter os efeitos do Protestantismo até o fim do século XVII.

Consultoria
Guilherme Martins, professor de história geral do Cursinho Einstein – Campo Grande (MS).

Imagem: Shutterstock Images

RESPOSTA violenta

A reação da Igreja Católica ao surgimento do Protestantismo veio tanto como uma reformulação de alguns pontos criticados quanto como autoafirmação e práticas sanguinárias

Texto Rafael Guimarães/Colaborador
Design Ana Paula Maldonado





A Reforma Protestante rapidamente se provou uma ameaça para o poder estabelecido da Igreja Católica. Havia um risco de perder o controle instituído sobre o continente europeu.

Foi apenas quando o papa Paulo III criou o Concílio de Trento, porém, que a Igreja estabeleceu uma estratégia em resposta à criação do Protestantismo. "Era impossível manter a Igreja no mesmo rumo e esperar que o Protestantismo não tivesse suplantado o Catolicismo. O Papa e os arcebispos precisaram responder com medidas internas", explica Guilherme Martins, professor de história.

As acusações feitas por Lutero e outros líderes protestantes ressoavam por serem verdadeiras: a Igreja Católica apresentava problemas de corrupção dos bispos e padres, com a venda de indulgências e abusos financeiros há muito tempo em um nível preocupante.

O Concílio de Trento

A primeira medida do concílio foi uma decisão sobre tentar ou não uma aproximação das correntes protestantes e tentar reintegrá-las ao Catolicismo, o que foi recusado. Contrariando as doutrinas protestantes, o grupo de bispos reafirmou diversos elementos renegados por eles que eram parte da Igreja Católica, como o sistema de sacramentos e as ordens religiosas.

A doutrina da transubstanciação, base do sacramento da eucaristia, foi reforçada. A ideia é que o pão e o vinho se tornam realmente na carne e no sangue de Cristo, portando sua divindade. Os protestantes, em sua maioria, divergiam da ideia, pregando a presença real da divindade no momento da eucaristia sem a necessidade de afirmar a transformação.

"O trabalho do concílio, basicamente, foi o de procurar dentro das tradições

Imagem: Wikimedia Commons



Maria I, filha do rei Henrique VIII da Inglaterra

católicas alternativas que pudessem ser usadas para combater a crescente expansão do Protestantismo e reafirmar as bases da Igreja", conta Guilherme. "Foi dado destaque ao catecismo como forma de fazer o Catolicismo voltar a se expandir", completa.

Ordens religiosas

A resposta ao Protestantismo não veio apenas dos mandatários da Igreja, mas também dos devotos, que começaram a organizar novas ordens para a propagação da palavra católica. Foi nesse contexto que surgiram grupos como os monges capuchinhos, o Carmelitas Descalços e os Barnabitas. Nenhuma ordem, entretanto, atraiu tanta atenção e influenciou tanto os acontecimentos posteriores quanto os Jesuítas.

Todas as ordens monásticas surgidas na época tinham em comum elementos como votos de pobreza e preocupação para com os menos afortunados, o que era divergente do comportamento de acúmulo de riquezas que algumas fraternidades mais antigas apresentavam.

Foi a Companhia de Jesus, formada pelos discípulos de São Inácio de Loyola, que se tornou uma ferramenta mais forte nas mãos da Igreja Católica, até o ponto em que se tornou perigosa para a o controle da mesma sobre o Catolicismo.

Com uma organização com base nas ordens de cavalaria e outros grupos militares anteriores, os Jesuítas tinham como principal intenção a propagação do catolicismo para os povos ainda não cristianizados da África, Ásia e Américas. Rapidamente o grupo ganhou influencia e poder sobre a forma como a política era feita nas colônias.

Inquisição

A Igreja contava, antes mesmo da Reforma Protestante, com um aparato de repressão. A Inquisição, formada na França como forma de aterrorizar pessoas que carregavam ideias religiosas divergentes, logo passou a atacar mesmo os menores exemplos de paganismo, como as bruxas.

"A chegada das reformas deram aos inquisidores uma nova oportunidade de voltar à sua antiga glória", explica Guilherme. A tensão política entre protestantes e católicos estourava regularmente na forma de conflitos e até guerras, o que dava uma chance aos tribunais da Inquisição para condenar pessoas.

"A Inquisição se espalhou pela Europa em diferentes formas. Na Espanha e em Portugal, sua função era principalmente forçar a conversão de islâmicos e judeus da Península Ibérica, enquanto na França e em outras nações a perseguição aos protestantes era mais acentuada, principalmente depois que a Igreja se aliou às monarquias para a formação da identidade", conta Guilherme.

A conexão da Igreja com as identidade nacional espanhola, portuguesa, francesa e dos reinos que existiam onde hoje está a Itália foi essencial para impedir que o Catolicismo fosse suplantado nessas regiões. Com a morte do rei Henrique VIII na Inglaterra, sua filha e primeira herdeira, Maria I, tentou fazer o mesmo no país e reverter a reforma que gerou a Igreja Anglicana, mas acabou derrotada e condenada após perseguir de maneira tão violenta os protestantes, ganhando o apelido de Maria Saguinária (Bloody Mary).

"No fim, o Protestantismo moldou a identidade do próprio Catolicismo, transformando a postura da Igreja diante da corrupção que a assolava, mas gerando também respostas violentas que se tornaram os grandes pecados cometidos pela religião", comenta Guilherme.

Imagem: Wikimedia Commons

Consultoria
Guilherme Martins, professor de história geral do Cursinho Einstein de Campo Grande (MS)

HISTÓRIA EM FOCO
REFORMA PROTESTANTE
Ano 1, Nº 1 - 2017

Editora-chefe Viviane Campos **Editora** Carolina Firmino **Redação** Bruno Ribeiro e Érica Aguiar **Design** Za Fernandes (Editora-chefe), Ana Paula Maldonado, Rafael Nakaoka e Rodrigo da Graça **Estagiários** Douglas Françoza, Fabio Toledo, Luis Felipe Silva, Rafael Guimarães e Vinicius Gálico (redação); Lidia Pardini (design) **Tratamento de imagem** Edson Iukawa (Editor especial) **Grupo Editorial** Raquel Luciano (Editora-chefe), Fernanda Villas Bôas (Assistente editorial), Otávio Mattiazzo Neto (Criação e desenvolvimento de produto), Lissandra Mahnis (Circulação) **Impressão** GRAFILAR Gráfica **Distribuição** Total Express Publicações

alto astral editora

©2017 EDITORA ALTO ASTRAL LTDA. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. PROIBIDA A REPRODUÇÃO.

ANER

PRESIDENTE João Carlos de Almeida **DIRETOR EXECUTIVO** Pedro José Chiquito **DIRETOR COMERCIAL** Silvino Brascolotto Junior **DIRETOR DE REDAÇÃO** Sandro Paveloski **EDITORIAL** Gerente Mara De Santi **PUBLICIDADE** Gerente Samantha Pestana E-mail publicidade@astral.com.br **MARKETING** Gerente Flaviana Castro E-mail marketing@astral.com.br **SERVIÇOS GRÁFICOS** Gerente José Antonio Rodrigues **ADMINISTRATIVO/FINANCEIRO** Gerente Jason Pereira **ENDEREÇOS BAURU** Rua Gustavo Maciel, 19-26, CEP 17012-110, Bauru, SP. Caixa Postal 471, CEP 17015-970, Bauru, SP. Fone (14) 3235-3878, Fax (14) 3235-3879 **SÃO PAULO** Rua Tenente, Nº 31, Conj. 21 e 22, Bloco A, CEP 04548-904, Vila Olímpia, São Paulo, SP. Fone/Fax (11) 3048-2900 **ATENDIMENTO AO LEITOR** ✆ (14) 3235-3885 De segunda a sexta, das 8h às 18h E-mail atendimento@astral.com.br Caixa Postal 471, CEP 17015-970, Bauru, SP **LOJA** www.loja.editoraastral.com.br E-mail lojaonline@astral.com.br **ANUNCIE** E-mail publicidade@astral.com.br Fone (11) 3048-2900

INFLUÊNCIA feminina

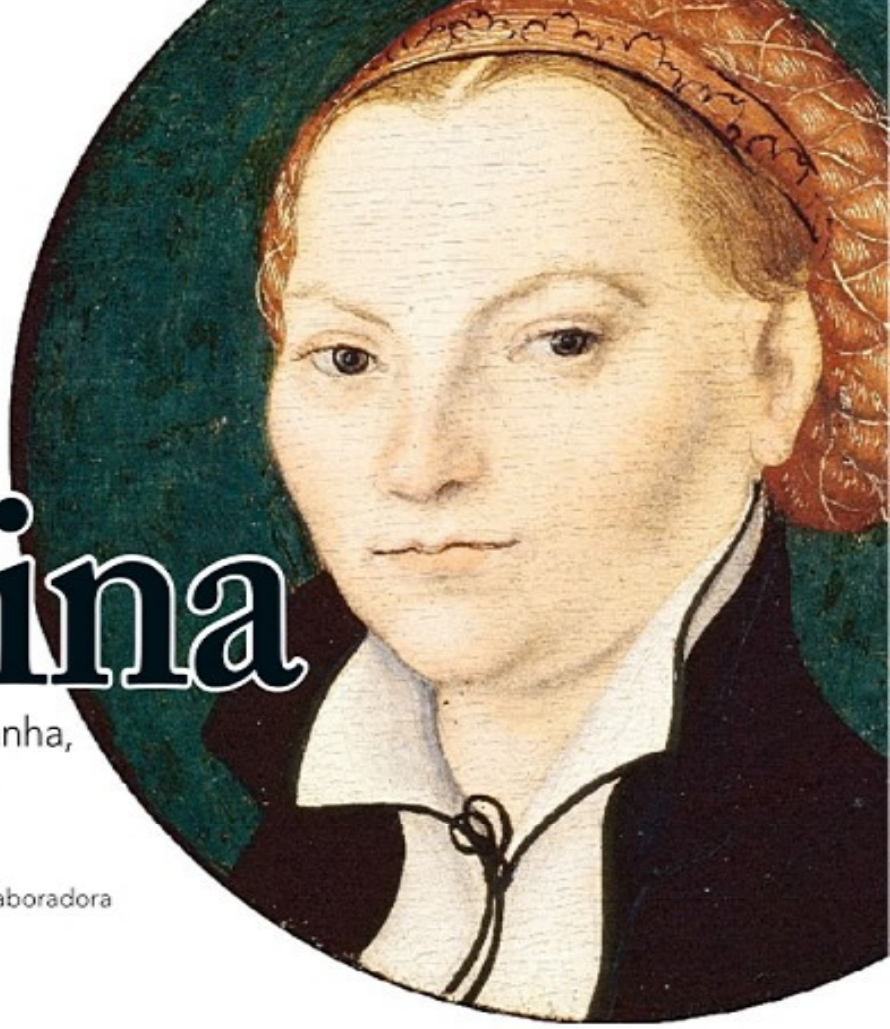


Imagem: WikiMedia Commons

Catarina von Bora, nascida na Alemanha, foi uma figura notável na história da Reforma Protestante

Texto e pesquisa Érica Aguiar Design Lídia Pardini/Colaboradora

Em 1504, Hans von Bora deixou a filha Catarina, de apenas cinco anos, em um convento beneditino. Sua esposa havia falecido e ele havia acabado de se casar com uma viúva que também tinha filhos. Assim, levar a menina a um internato era uma solução prática e econômica. Catarina, que vinha do campo e também tinha outros irmãos, dentro de poucos anos, se viu órfã também do pai e precisou ficar em Brehna, na Alemanha, onde o convento estava estabelecido.

A esperança era a de que a menina se tornasse uma madre superior e tivesse uma vida melhor. No século XVI, ser mulher não era uma tarefa fácil, pois, fora do internato, estaria sujeita a um casamento arranjado, à morte recente no parto, além de adquirir doenças com mais facilidade.

"Tendo acabado de completar dez anos, a garotinha deu adeus às suas colegas de escola e amigas e partiu com estranhos para viver em um novo lar. Sem dúvida, ela tinha sido informada de que seu pai tinha arranjado sua relocação para Marienthron, um convento cisterciense em Nimbschen. Quando ela chegou, deve ter imediatamente percebido que sua qualidade de vida tinha decaído muito. O convento era menor e tinha menos conforto. A moradia, as refeições e o conjunto de livros não faziam frente ao complexo beneditino bem equipado em Brehna, que conhecia tão bem", escreve Ruth A. Tucker no livro *A primeira-dama da reforma: a extraordinária vida de Catarina von Bora*.

No convento, aprendeu latim e música, e também prestou votos como freira. Bora foi um dos membros do clero a ter contato com as 95 teses de Lutero, publicadas em 1517. Foram as suas ideias que estimularam ela e outras freiras a arquitetarem uma fuga em 1523, com o apoio de religiosos próximos ao teólogo. Posteriormente, esses mesmos homens ajudaram a buscar pretendentes para as solteiras.

Catarina, por sua vez, casou-se com Lutero em 1525. Na época, ele já havia sido excomungado, mas mesmo assim, o casamento da ex-freira com o ex-padre não era bem visto pela sociedade. Para alguns estudiosos, o matrimônio significou uma das mudanças importantes na reforma: a liberação do casamento de líderes religiosos.

Juntos, tiveram seis filhos. E a casa dos dois, em Wittenberg, na Alemanha, também servia como abrigo a cristãos que eram perseguidos por defender as ideias luteranas. Bora era responsável pelas finanças e participava de algumas discussões, conforme é possível ver nos textos de Lutero e seus alunos.

Catarina faleceu em 1552, seis anos após seu marido, depois de deixar Wittenberg diversas vezes devido a guerras, doenças e dificuldades financeiras.

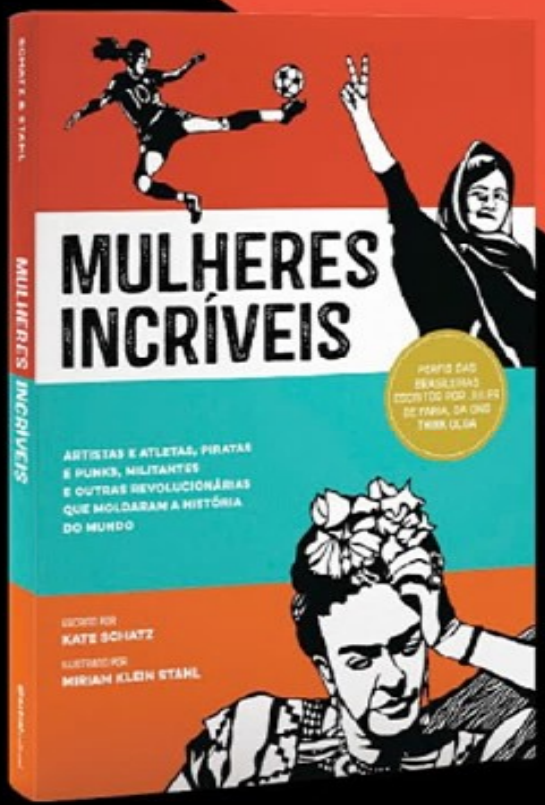
Fonte

Livro: *A primeira-dama da reforma: a extraordinária vida de Catarina von Bora*, de Ruth A. Tucker (Editora Thomas Nelson Brasil)

“EU ACHO QUE A MULHER DO FIM
DO MUNDO É AQUELA QUE BUSCA,
É AQUELA QUE GRITA, QUE REIVINDICA,
QUE SEMPRE FICA DE PÉ.
NO FIM, EU SOU ESSA MULHER.”

ELZA SOARES





Já nas livrarias.

astral cultural



Me siga no twitter
https://twitter.com/brasil_tuga